

A FORMAÇÃO DO PEDAGOGO FACE À AMPLIAÇÃO DOS ESPAÇOS DE ATUAÇÃO: NOVOS DESAFIOS E POSSIBILIDADES¹

MARON, Neura Maria Weber² – SME/PMC
neura.w@gmail.com

Eixo temático: Profissionalização Docente e Formação
Agência Financiadora: Não contou com financiamento

Resumo

Este texto apresenta elementos para uma reflexão a partir da análise do resultado de uma pesquisa que objetivou investigar a formação do pedagogo, face à ampliação dos espaços em que ocorre a educação intencional e verificar o conteúdo de sua função para atuar junto ao adulto trabalhador na fábrica. Para se fazer à relação entre formação e atuação do pedagogo em processos formativos que se dão nos espaços extra-escolares se fez necessário apoiar-se em estudos de pesquisadores como PIMENTA (2002), ARROYO (1998) e LIBÂNEO (2002) que defendem a posição de que as áreas de atuação do pedagogo são amplas na sociedade contemporânea e que isso deve ser contemplado na formação desse profissional. Para se compreender a relação entre educação e trabalho, escolarização e qualificação do adulto trabalhador, recorreu-se aos estudos de KUENZER (1985; 2000), que investiga a relação educação e trabalho visando compreender os processos pedagógicos presentes nas relações de trabalho. Trata-se de uma pesquisa qualitativa com entrevistas semi-estruturadas a pedagogas que atuam em quatro fábricas situadas na região de Curitiba que iniciaram a reestruturação produtiva na década de 80. A necessidade de elevar a escolaridade dos trabalhadores foi o fator que levou às empresas a contratar pedagogas que inicialmente assumem a função docente em processos de alfabetização e escolarização dos trabalhadores. Logo em seguida as pedagogas assumem a função de articuladoras dos processos pedagógicos das escolas implantadas nos espaços fabris. Por último ocorre a sua consolidação na empresa, quando passam a atuar na organização e na execução de cursos e treinamentos, assumindo outras atividades que se agregam a sua função original, transformando-se e ampliando-se o conteúdo de sua função. O estudo possibilitou o levantamento de aspectos não atendidos pela formação acadêmica em Pedagogia e que se mostram necessários à atuação do pedagogo.

Palavras-chave: Formação do pedagogo; Educação extra-escolar; Educação do adulto trabalhador; Reestruturação produtiva.

¹ Texto escrito a partir de pesquisa desenvolvida, no PPGE da UFPR, sob orientação da Professora D^a. Noela Invernizzi, que resultou em Dissertação de Mestrado em Educação: Reestruturação produtiva, escolarização fabril e inserção do pedagogo na fábrica. Estudos de caso na região de Curitiba, defendida em 24/08/2004.

² Pedagoga da SME de Curitiba, Especialista em Pedagogia na Empresa pela UTP, Especialista em Educação Profissional e Técnica na Educação de Jovens e Adultos (PROEJA) pela UTFPR, Mestre em Educação pela UFPR, Pesquisadora integrante do Grupo de Estudos e Pesquisas em Trabalho, Educação e Tecnologia – GETET/UTFPR.

Introdução

O campo de conhecimento da Pedagogia tem na educação intencional seu objeto de estudo e a base da formação do pedagogo é a Ciência da Educação. O curso de Pedagogia deve formar o pedagogo com uma visão ampla das diferentes possibilidades da educação na sociedade contemporânea, capacitando-o como educador-professor a intervir pedagogicamente com um instrumental para desenvolver habilidades e competências de maneira que possa implementar uma prática pedagógica eficaz em qualquer espaço que ele vier a atuar. Sua formação deve contemplar o desenvolvimento de algumas características como habilidade no trato com as pessoas; participação na tomada de decisões articulando o coletivo; capacidade de conviver com as diferenças e conflitos interpessoais; ética, e consciência da necessidade de sua educação permanente.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) nº 9.394 de 1996 faculta às Instituições de Ensino Superior organizar os projetos acadêmicos do curso de Pedagogia primando pela articulação entre as abordagens da docência e da gestão do trabalho pedagógico desenvolvidos em espaços de educação formal e não formal, mas também oferecer disciplinas alternativas e núcleos temáticos que busquem abranger conhecimentos relativos à reflexão crítica sobre educação, escola e sociedade com estudos sobre a relação entre educação e trabalho.

Esse texto analisa a formação do pedagogo face à ampliação dos espaços de educação, sinalizando que a atuação desse profissional no espaço extra-escolar é tratada lateralmente nos cursos de graduação em Pedagogia. Busca apontar também as diversas possibilidades de atuação que estão se abrindo para o profissional da Pedagogia na sociedade contemporânea e dá um particular destaque aos processos pedagógicos que ocorrem nas fábricas, buscando entender as características contraditórias deste processo educacional, as quais emergem da contradição capital-trabalho inerente ao espaço fabril.

O estudo teve como objetivo analisar os desafios e possibilidades de atuação do pedagogo em espaços extra-escolares, verificar o conteúdo de sua função, bem como sua qualificação e competências necessárias para atuar especificamente no setor produtivo.

Trata-se de uma pesquisa qualitativa com entrevistas semi-estruturadas à pedagogas de quatro fábricas situadas em Curitiba e Região Metropolitana. O estudo da atuação do pedagogo no setor produtivo possibilitou também o levantamento de aspectos não atendidos

pela formação acadêmica em Pedagogia e que se mostram necessários para esta atuação, levando-se em conta as atuais demandas por educação do trabalhador no espaço fabril.

A formação do pedagogo face à ampliação dos espaços de educação extra-escolar

A teoria pedagógica tem como objeto a compreensão do que é constitutivo da ação educativa e cultural, da socialização e formação de identidades, saberes e valores, da construção e apreensão do conhecimento. Sendo assim, o objeto de estudo da Pedagogia é o fenômeno educativo, e a formação teórica e prática do pedagogo deve estar voltada para a formação do educador como profissional da educação (ARROYO, 1998, p.160).

Segundo Libâneo (2002), a Pedagogia é um campo de conhecimento sobre a problemática educativa na sua totalidade e historicidade, que busca a reflexão teórica baseada nas práticas educativas e sobre elas, ao tempo que é uma diretriz orientadora da ação educativa. É uma das ciências da educação, mas se distingue delas por estudar o fenômeno educativo na sua globalidade e, portanto, com identidade e problemáticas próprias, pois explicita objetivos e formas de intervenção metodológica e organizativa nos âmbitos da atividade educativa implicados na transmissão/assimilação ativa de saberes e modos de ação. Constitui-se, pois, como campo de investigação específico, cujas fontes são a própria prática educativa e os aportes teóricos providos pelas demais ciências da educação, cuja tarefa é o entendimento, global e intencionalmente dirigido, dos problemas educativos. A Pedagogia é, pois, o campo do conhecimento que se ocupa do estudo sistemático da educação, isto é, do ato educativo, da prática educativa concreta que se realiza na sociedade como um dos ingredientes básicos da configuração da atividade humana.

Ainda segundo Libâneo (2002), a Pedagogia investiga os objetivos sociopolíticos e os meios organizacionais e metodológicos para viabilizar os processos formativos em contextos socioculturais específicos e, para isso, apóia-se nas ciências da educação sem perder sua autonomia epistemológica e sem reduzir-se a uma ou outra, ou ao conjunto dessas ciências. Investiga a natureza e as finalidades da apropriação do conhecimento numa determinada sociedade, bem como os meios de formação humana dos indivíduos.

Neste sentido, o objeto da Pedagogia é a educação intencional. Como campo de conhecimento, a Pedagogia investiga os fatores, os processos e os meios que contribuem à construção/formação do ser humano como membro de uma determinada sociedade. Os

resultados dessa investigação determinarão os princípios e as formas de ação educativa, de maneira a dar uma direção de sentido à atividade de educar. Disso decorrem duas características do ato educativo intencional: ser uma atividade humana intencional e ser uma prática social (LIBÂNEO, 2002, p.33).

Autores como Pimenta (2002) e Libâneo (2002) defendem a posição de que as áreas de atuação dos pedagogos são amplas em nossa sociedade e que isso deve ser considerado na formação desse profissional. Libâneo assim se manifesta sobre a vastidão do campo de atuação do pedagogo:

É quase unânime entre os estudiosos, hoje, o entendimento de que as práticas educativas estendem-se às mais variadas instâncias da vida social não se restringindo, portanto, à escola e muito menos à docência, embora estas devam ser a referência da formação do pedagogo escolar. Sendo assim, o campo de atuação do profissional formado em Pedagogia é tão vasto quanto são as práticas educativas na sociedade. Em todo lugar onde houver uma prática educativa com caráter de intencionalidade, há aí uma Pedagogia. (LIBÂNEO, 2002: 51).

Portanto, o pedagogo é um profissional da educação do qual se espera que entre no mundo do trabalho com condições de atuar onde houver necessidade de organizar, planejar, implementar e avaliar oportunidades de aprendizagem e desenvolvimento de habilidades. Dessa forma, o pedagogo pode atuar profissionalmente desempenhando funções docentes, atuar na organização de sistemas, unidades, projetos e experiências educacionais escolares e extra-escolares, ou seja, ele pode atuar na articulação de projetos pedagógicos prestando assessoramento e coordenação pedagógica, consultoria, avaliação e pesquisa educacional em diversos espaços. Portanto na sociedade contemporânea não é possível traçar um divisor rígido entre espaços educativos nas ditas áreas emergentes do campo educacional.

Ocorrem por exemplo, situações em que a educação escolar se instala, de certa forma, em espaços não formalmente instituídos para tal. São inúmeras as classes de alfabetização e de Educação de Jovens e Adultos (EJA) em todo o Brasil, que funcionam em salões de igrejas, em sindicatos, em empresas, nas fábricas, nos clubes, nas associações de bairros e outros espaços sociais. Portanto, não há uma oposição entre a educação que acontece em espaços escolares e extra-escolares, mas processos complementares e amiúde paliativos, num contexto social em que o acesso à escola não esteve, e ainda não está, assegurado para todos os cidadãos.

Outras várias possibilidades de atuação educativa em espaços extra-escolares emergem na sociedade contemporânea, tais como em clínicas de Psicopedagogia; em serviços nas áreas de lazer e recreação; na pesquisa educacional; nos escritórios de assessoria pedagógica e educacional; em emissoras de rádio e televisão educativas; na formação para o trânsito; junto à indústria de artefatos e brinquedos educativos; em editoras de livros didáticos; nas áreas de treinamento e desenvolvimento de pessoal das empresas públicas e privadas; na organização, articulação e implementação da EJA na empresa e em outros espaços; na articulação e implementação de projetos educacionais de alcance social e cultural desenvolvido por empresas e por outras entidades sociais; na educação à distância; na implementação da educação em comunidades indígenas e quilombolas; nos projetos públicos de atendimento à crianças e adolescentes em situação de risco; em hospitais; em equipes multidisciplinares de Organizações Não Governamentais (ONG), etc.

Segundo Arroyo (1998), as pesquisas que tomam como objeto a relação entre educação e trabalho devem dialogar com a teoria e a prática pedagógica e com os profissionais que pesquisam e fazem educação escolar. Segundo o autor, a teoria pedagógica deve dar conta dos fenômenos educativos que acontecem em todos os tempos e espaços, pois educar é humanizar, caminhar para a emancipação humana, a autonomia responsável, a subjetividade moral e ética, e esse deve ser o projeto de toda ação pedagógica fora ou dentro da escola, se propondo a entender e ajudar no desenvolvimento omnidimensional e politécnico do ser humano.

As características da atuação do pedagogo no espaço da fábrica

O pedagogo está sendo solicitado a atuar no setor produtivo, portanto, extra-escolar, como profissional que está tecnicamente qualificado a planejar, a implementar e avaliar processos de ensino e aprendizagem; a desenvolver e executar treinamentos junto aos profissionais das empresas, bem como organizar e coordenar cursos de qualificação técnica, enfim, implementar programas de escolaridade formal e programas de aprendizagem inicial e continuada nas empresas.

A literatura vem discutindo cada vez mais a propósito dos novos espaços educacionais. As atividades pedagógicas na fábrica são foco de uma polêmica particular, na medida que se trata de um espaço no qual a contradição capital-trabalho incide no processo

educativo de maneira muito mais direta do que na escola. Assim, argumenta-se que o peso desta contradição impediria que a educação fabril atenda aos objetivos de uma formação crítica e voltada para o desenvolvimento da cidadania, em prol de uma formação mais instrumental, orientada aos objetivos imediatos da valorização do capital. Por outro lado é inegável que as atividades educativas desenvolvidas no âmbito fabril brasileiro têm contribuído, nas duas últimas décadas, para aumentar a escolaridade do trabalhador.

No entanto, quando aberta às atividades educacionais, a fábrica tem recebido um pedagogo cuja formação universitária tem estado voltada, de forma predominante, para a educação em espaços escolares. Isso faz com que o profissional se defronte, no espaço fabril, com especificidades e desafios educacionais não contemplados em sua formação, tal como veremos mais adiante, a partir dos dados da pesquisa realizada.

Maron e Vieira consideram que

para a realidade da empresa é importante que o Pedagogo, em sua formação, desenvolva as capacidades de entender a cultura da empresa e saber intervir nela; compreender a dinâmica da realidade empresarial utilizando-se das diferentes áreas do conhecimento para implementar programas de educação continuada; identificar os processos de aprendizagem que se desenvolvem na prática concreta da empresa; de compreender de forma ampla e consistente o fenômeno e as práticas educativas que se dão nos espaços da organização; de compreender o processo de construção do conhecimento no indivíduo em seu contexto de trabalho; de elaborar projetos de aprendizagem orientados pelos valores, visão e missão expressos pela empresa; e de trabalhar as questões comportamentais e relacionais que se manifestam nos locais de trabalho. (MARON e VIEIRA, 2003, p.166).

Embora na formação do pedagogo tem-se abordado só lateralmente a atuação desse profissional em espaços extra-escolares, Libâneo (2002, p.33) reitera seu entendimento de que os profissionais da educação formados pelo curso de Pedagogia atuarão nos vários campos da educação, decorrentes de novas necessidades sociais e demandas advindas do mundo do trabalho.

Conseqüentemente, para atuar nos espaços do setor produtivo o pedagogo não consegue equacionar suficientemente seu trabalho contando apenas com sua formação acadêmica de graduação em Pedagogia. Assim, ele terá que buscar complementar sua formação em cursos de pós-graduação como especialização e em cursos de curta duração.

No espaço fabril, como em qualquer outro espaço, o ato educativo tem duas características: por um lado, é uma atividade humana intencional e, por outro, é uma prática social. Como uma atividade intencional, que se dá através de uma relação entre pessoas, o ato

educativo está sempre voltado a fins desejáveis no processo de formação, e esta intencionalidade implica escolhas, valores e compromissos éticos. Como prática social, a educação está subordinada aos interesses sociais, econômicos, políticos e ideológicos de grupos e classes sociais (LIBÂNEO, 2002, p.34).

As características da atuação do pedagogo no espaço fabril, assim como, a qualidade de suas intervenções vai estar decisivamente influenciada pelos objetivos educacionais dados pela sua formação que compõe seu perfil profissional e, pelo projeto acadêmico da Instituição de Ensino Superior da qual ele é egresso. No entanto, no setor produtivo o pedagogo, com sua formação e visão de mundo está submetido aos objetivos empresariais. Esse duplo caráter do ato educativo nos permite entender as características contraditórias do processo de educação fabril, um processo que, ao mesmo tempo que contribui, por exemplo, à elevação da escolaridade do trabalhador, o faz dentro de uma perspectiva surgida das necessidades do processo produtivo. Assim, a atuação do pedagogo na empresa é moldada, embora não de forma total e mecânica, pelas demandas impostas pelas novas formas de produção. Nesse sentido, Franco afirma que “do ponto de vista dos empresários, a formação profissional tem um endereço claro, aumentar a produtividade dos trabalhadores, a qualidade e a competitividade dos produtos, gerar riquezas” (FRANCCO, 1998, p.102).

Apesar dessas limitações, tais processos educacionais voltados à escolarização e qualificação profissional continuada que têm sido assumidos pelas empresas, permitem aos trabalhadores se apropriarem de conhecimentos e desenvolverem capacidades aos quais não haviam tido acesso em face da insuficiência das políticas públicas ou mesmo pela sua exclusão do sistema educacional regular (KUENZER, 1999; KUENZER, 2000).

O trabalho pedagógico dentro do espaço fabril deve, então, ser analisado no quadro desses dois aspectos contraditórios. Ele está obviamente submetido aos ditames do capital e servindo aos seus interesses, mas o trabalho pedagógico dirigido aos trabalhadores pode ser também a única via de acesso destes ao conhecimento, no quadro de uma sociedade que não lhes brindou acesso a uma educação geral e técnico-profissional numa escola pública de qualidade.

A inserção do pedagogo no quadro funcional das empresas pesquisadas

A partir do início da década de 80 na indústria brasileira o paradigma fordista-keynesiano de organização da produção foi cedendo espaço para um novo regime produtivo. Este novo regime, denominado por Harvey (2001) acumulação flexível, é o resultado das mudanças ocorridas na economia capitalista a partir da crise desencadeada na década de 70. Entre essas transformações, a revolução tecnológica promovida pelo desenvolvimento da microeletrônica, a informática e as telecomunicações, assim como os métodos de organização de origem japoneses, tais como o *just-in-time* e os programas de qualidade total, tiveram profundos impactos sobre o conteúdo do trabalho fabril. Novas tecnologias e métodos inovadores de organização do trabalho começaram a ser adotados, embora não de forma homogênea, pela indústria brasileira. Isso, por sua vez, se refletiu em novas demandas de qualificação da força de trabalho, exigindo-se trabalhadores com um perfil polivalente, capazes de interagir mais com informações do que com a própria matéria e mais comprometidos com o desenvolvimento e controle do processo de trabalho.

Tornou-se evidente que a introdução de qualquer inovação tecnológica ou organizacional na indústria brasileira, num contexto fabril caracterizado por uma força de trabalho precariamente escolarizada e, em muitas ocasiões, semi-analfabeta, estava fadada ao fracasso. Foi a partir desse processo de reestruturação produtiva que as deficiências na formação dos trabalhadores para enfrentar as mudanças produtivas ficaram em evidência, dando lugar, nas empresas, a novas estratégias de formação dos trabalhadores.

Essa situação exigiu investimentos e estratégias por parte dos empresários no sentido de organizarem e implantarem, nas próprias dependências das fábricas, programas de escolarização. Pesquisas desenvolvidas em vários setores da indústria apontaram que sem tal elevação no patamar de escolaridade, o avanço da própria reestruturação produtiva ficava comprometido.

Nesse contexto, o pedagogo foi integrado ao quadro funcional das quatro empresas pesquisadas quando a deficiência de escolaridade dos trabalhadores obstaculizou o processo de reestruturação produtiva por elas empreendido. A elevação da escolaridade básica apresentou-se como um requisito chave no contexto da reestruturação das empresas brasileiras.

Nas empresas pesquisadas, a integração das pedagogas deu início no ano de 1983 à 1995, sendo que o tempo considerado para a entrevista foi até o ano de 2003.

Pedagogas	Ramo de atividade das empresas	Ingresso e permanência na empresa	Tempo de empresa
Pedagoga A	Linha branca	1994 até 2003	10 anos
Pedagoga B	Linha branca	1983 até 1997	15 anos
Pedagoga B	Painéis de madeira aglomerada	2001 até 2003	3 anos
Pedagoga E	Painéis de madeira aglomerada	1986 até 1996	11 anos
Pedagoga C	Bebidas naturais	1995 – até 2003	8 anos
Pedagoga D	Revestimentos cerâmicos	1986 – até 2003	17 anos

Quadro01 – Ramo de Atividade das Empresas e período de Permanência das Pedagogas

Fonte: Elaboração própria a partir da pesquisa de campo. (MARON, 2004, p. 58)

Na empresa de linha branca, o ingresso da pedagoga B, em 1983, ocorreu num contexto de problemas na produção:

Tinha muitos erros de estocagem. Se produzia geladeiras e tinha lugares certos, com os códigos e tinha muito erro. Acabava que o cliente queria uma geladeira branca e acabava às vezes indo uma geladeira marrom. Aí eles foram descobrir que estava tendo erro na hora da estocagem do produto final. Detectaram que tinha muita gente do interior e analfabeta. Então era isso que estava dificultando o trabalho e fazendo com que se tinha que fazer, depois, esta troca. (Pedagoga B)

Por outro lado, a elevação da escolaridade da Educação Básica com a oferta de Ensino Fundamental e Ensino Médio na modalidade de EJA nas empresas foi utilizado para salvaguardar a experiência do trabalhador, evitando a demissão de trabalhadores pouco escolarizados cuja experiência era, no entanto, imprescindível para a empresa. Como resultado desses processos escolares, na fábrica houve um aumento de escolaridade dos trabalhadores. Atingiu-se um nível mínimo de escolarização necessário para enfrentar essa fase da reestruturação produtiva.

A primeira pedagoga a atuar na empresa de painéis de madeira aglomerada, no ano de 1986, foi a pedagoga E, que lá permaneceu atuando por onze anos. Em seu relato lembra que

Na época que a empresa pensou em abrir uma escola, ela tinha lá um psicólogo, ela tinha um grupo para trabalhar com treinamento e recrutamento e nenhuma destas pessoas tinha pedagogia. Me convidaram para mudar de área então eu vi bem que precisou de um pedagogo pra montar esta escola. Eu fui a primeira pedagoga na empresa de painéis de madeira aglomerada. Depois eu fui fazendo tanto treinamento que contrataram mais uma pedagoga. Mais tarde, botaram até para a chefia da área de Recursos Humanos, uma pedagoga. (Pedagoga E).

Nesse momento inicial ocorre a primeira fase profissional da pedagoga na empresa, na qual as pedagogas formalizaram os programas de Ensino Fundamental na modalidade de EJA, junto à Secretaria de Estado da Educação, atuando, também, como pedagogas docentes.

Como o contingente de trabalhadores a ser escolarizado nas quatro fábricas era muito grande, as classes se transformaram em escolas dentro dos espaços fabris. Nesse momento, a atuação das pedagogas nas empresas entra numa segunda fase, na qual assumem a articulação de todo o processo educacional destas escolas. Elas se responsabilizam pelo encaminhamento pedagógico do ensino, pelos aspectos legais junto ao Estado e pelo acompanhamento da vida acadêmica dos trabalhadores.

Quando a segunda etapa do processo de escolarização foi vencida, as pedagogas foram integradas às equipes de Treinamento e Desenvolvimento da Área de Recursos Humanos nas empresas. Na terceira fase de sua atuação ocorre sua consolidação profissional como quadro permanente da empresa, visto que às empresas não interessava dispensar essas profissionais que haviam acumulado tanto conhecimento e experiência no relacionamento mantido com os trabalhadores durante todo o processo de escolarização.

É relevante observar outro aspecto do exercício da função do pedagogo no âmbito da empresa, nessa fase, pois os dados permitiram traçar um quadro de polivalência, uma vez que se exigiu das pedagogas uma ampliação do seu perfil profissional, passando essas a assumir variadas atribuições e tarefas no contexto da organização flexível das empresas. Ocorrem transformações significativas, portanto, no perfil profissional da pedagoga, a qual assume diversas funções na área de Recursos Humanos, muitas das quais não podem ser consideradas estritamente pedagógicas.

Sobre a ampliação do seu perfil profissional a Pedagoga C assim se manifestou:

em uma empresa, o profissional de qualquer área, atualmente, tem que se adequar e ser multicompetente, multītudo! Eu tive sucesso, porque fui atrás realmente e não me arrependo. Nunca imaginei que o pedagogo tivesse tanto espaço, pudesse conquistar tanto espaço na empresa.(Pedagoga C)

Essa é uma tendência dentro das empresas, pois a agregação de tarefas significa, ao mesmo tempo, maior agilidade para responder aos problemas da empresa e redução de custos.

Nas trajetórias de formação das pedagogas entrevistadas, buscou-se verificar quais aspectos da formação geral e quais aspectos de formação específica contribuíram à qualificação da pedagoga para atuar no espaço fabril.

A pedagoga A manifestou que se defrontou com muitas dificuldades no início de sua carreira:

Senti muita dificuldade quando iniciei porque eu acho que a faculdade não prepara a gente para trabalhar numa empresa. Não sei como é que esta hoje. Mas em 95, pouco se falava de educação de adultos. Então tinha lido pouquíssimo sobre o assunto. Então eu cheguei aqui crua mesmo. Falei: “-Meu Deus! E agora o que eu vou fazer aqui com esse pessoal? Não posso eu ficar ensinando: ‘Ivo viu a uva’ pra eles, não faz sentido!”. (Pedagoga A)

Por outro lado, as pedagogas tiveram que atuar, muitas vezes, na base do ensaio e erro, até construírem os caminhos metodológicos adequados para a escolarização do aluno trabalhador, vez que o espaço da fábrica apresentava características bastante diferentes do espaço da escola convencional. É interessante frisar que todas entrevistadas confluíram em assinalar que um dos grandes avanços nesse processo de busca por estratégias mais adequadas ao processo pedagógico foi dado quando as atividades de ensino e aprendizagem começaram a ser planejadas a partir da realidade cotidiana do trabalhador e de suas atividades no chão de fábrica.

As pedagogas têm procurado ampliar sua formação em cursos de especialização e cursos de curta duração para abarcar conhecimentos mais específicos do espaço fabril. O leque de conhecimentos buscado está se ampliando na medida em que seu perfil vai se fazendo mais polivalente. Entretanto, a busca por conhecimentos específicos para atuar no espaço fabril começou antes, já no momento da escolarização dos trabalhadores, na medida em que as pedagogas perceberam que a formação universitária de graduação pouco tratava sobre as especificidades das atividades pedagógicas fora do espaço escolar e especialmente sobre a educação de adultos.

Isso não significa, no entanto, que as pedagogas desvalorizem os conhecimentos obtidos na graduação. Pelo contrário, constatamos que todas elas dão fundamental importância aos conhecimentos adquiridos no curso de graduação em Pedagogia para o trabalho que desenvolvem na fábrica, dando especial destaque às disciplinas dos fundamentos da educação, à Didática e Metodologia do Ensino conforme se evidencia na fala abaixo:

Resolvi fazer o curso de Pedagogia por acreditar que me prepararia para organizar e ministrar treinamentos, bem como elaborar material didático. Só que eu fiquei um pouco frustrada porque não era exatamente o que eu imaginava. O que foi extremamente importante na Pedagogia para mim foi Psicologia da Educação, porque pra área que eu trabalho a Psicologia é extremamente importante. A

Didática mesmo foi muito importante. Para desenvolver meu trabalho na empresa, a Didática foi extremamente importante, no entanto tive que buscar em outros cursos os conhecimentos para desenvolver e ministrar treinamentos. A Pedagogia adiantou, a Didática foi importante e algumas coisas foram muito fortes como Metodologia do Ensino pra mim foi extremamente importante. Quando comecei a trabalhar com treinamento e desenvolvimento, tive que procurar dinâmicas de grupo, me desenvolver para depois fazer os treinamentos. Naquela época já se queria uma pedagogia organizacional... (Pedagoga D).

Essa situação põe em evidência que os programas dos cursos de Pedagogia não abordam suficientemente a educação em espaços extra-escolares, questão que só recentemente começa a receber mais atenção dentro das Instituições de Ensino Superior. No entanto, todas as pedagogas salientaram que o curso de Pedagogia lhes proporcionou as bases a partir das quais adaptaram sua atuação ao espaço fabril.

Considerações finais

As transformações ocorridas nas indústrias no processo de reestruturação produtiva, as quais geraram novas demandas de educação e treinamento, uma vez que se alterou substancialmente o conteúdo do trabalho, abriram o espaço fabril para a atuação do pedagogo.

Inicialmente o ingresso do pedagogo no setor industrial teve sua história ligada à reestruturação produtiva nas empresas pesquisadas e à necessidade de escolarização dos trabalhadores por ela requisitada. Entretanto, a escolarização básica na modalidade de Educação de Jovens e Adultos oferecida aos trabalhadores nos espaços fabris é uma questão polêmica, pois se por um lado, tem contribuído para elevar o nível de educação da força de trabalho, por outro, é apontado frequentemente que essa escolarização adota, na fábrica, características instrumentais ao processo de trabalho e tende a ser deficiente em qualidade.

À medida que essa escolarização foi sendo formalizada, a atuação do pedagogo acabou por tomar uma nova configuração. A trajetória das pedagogas das empresas pesquisadas evidencia que sua permanência na área de Recursos Humanos e sua atuação e funções atuais têm uma configuração distinta da inicial. Sua permanência nas áreas de Recursos Humanos aponta para um perfil profissional ampliado. O pedagogo passa, então, a ser um profissional polivalente, assumindo complexas atribuições e múltiplas tarefas. Assim como o ingresso do pedagogo ao setor produtivo, esse novo perfil profissional foi sendo modelado pelo rumo da reestruturação produtiva. Tais características do trabalho não são, entretanto, exclusivas do pedagogo, mas observáveis também em outros profissionais que

atuam em empresas que adotaram uma organização flexível, tanto na administração quanto na produção.

Alguns aspectos da formação do pedagogo foram abordados, na tentativa de compreender os desafios enfrentados e as possibilidades de atuação que esta formação permite fora do espaço escolar, ao qual essa formação esteve tradicionalmente dedicada. Entretanto, observamos que com a formação que o pedagogo recebe atualmente, poderá atuar na docência, na gestão do trabalho pedagógico e prestar assessoria e coordenação pedagógica em diferentes espaços sociais. Mas para atuar no setor empresarial, o profissional egresso do curso de Pedagogia, ainda precisa buscar complementar sua formação fazendo outros cursos ou mesmo uma especialização.

Referências

ARROYO, G. M. Trabalho – Educação e Teoria Pedagógica. In: FRIGOTTO, G. (Org.) **Educação e crise do trabalho: perspectivas de final de século**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

FRANCCO, M. C. Formação profissional para o trabalho incerto: um estudo comparativo Brasil, México e Itália. In: FRIGOTTO, G. (Org.) **Educação e crise do trabalho: perspectivas de final de século**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

HARVEY, D. A. **A condição pós-moderna**. São Paulo: Edições Loyola, 2001.

KUENZER, A. Z. **Educação Profissional: Categorias para uma nova Pedagogia do Trabalho**. In: Boletim Técnico do SENAC, Rio de Janeiro, v.25, n. 2, p.19-29, maio/ago., 1999.

KUENZER, A. Z. **Ensino Médio: Construindo uma proposta para os que vivem do Trabalho**. São Paulo: Cortez, 2000.

LIBÂNEO, J. C. **Pedagogia e pedagogos, para quê?** 6ª ed. São Paulo: Cortez, 2002.

MARON, N. M. W. , VIEIRA, A. M. D. P. O papel do pedagogo na aprendizagem empresarial. In: EYNG, A. M., ENS, R. T., JUNQUEIRA, R. A. (Orgs.) **O tempo e o espaço na educação: a formação do professor**. Curitiba: Champagnat, 2003.

MARON, N. M. W. **Reestruturação produtiva, escolarização fabril e inserção do pedagogo na fábrica: estudos de caso na região de Curitiba**. Dissertação (mestrado) – Curitiba: UFPR, Setor de Educação, PPGE, 2004.

PIMENTA, S. G. (org.). **Pedagogia e pedagogos: caminhos e perspectivas**. São Paulo: Cortez, 2002.